

**AS 'TRADIÇÕES VARZEANAS' NOS 'TIMES DE CAMISA': NOTAS
ETNOGRÁFICAS SOBRE A CIRCULAÇÃO DE JOGADORES NUM CIRCUITO DE
LAZER DA CIDADE DE PORTO ALEGRE¹**

Recebido em: 25/02/2015

Aceito em: 23/08/2015

Mauro Myskiw²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre - RS - Brasil

RESUMO: O trabalho está vinculado a um debate acadêmico sobre a diversidade cultural das práticas esportivas, especialmente quando isso é tratado na interface com os estudos do lazer. Nesse contexto, apresento um conjunto de questões na expectativa de problematizar a noção de 'time' quando ela é tomada na perspectiva de um 'circuito urbano de lazer' denominado de 'municipal da várzea', desenvolvido na cidade de Porto Alegre. Ao longo do texto, trazendo a experiência de uma pesquisa etnográfica multilocalizada e um estranhamento em torno dos 'times de camisa', procuro analisar invenções sociais que não denotam a tradição dos 'clubes esportivos', mas que se materializam 'nos times' e conferem sentido ao pertencimento e à circulação dos jogadores. Essas 'outras tradições', aqui tomadas como lugares-personagens, são os 'conhecidos do futebol', os 'grupos-famílias', as 'diretorias' e os 'diferenciados'. Tais 'tradições varzeanas' ajudaram a compreender 'os times' como justaposições de distintas mobilizações, materializando uma infinidade de arranjos de lugares-personagens.

PALAVRAS CHAVE: Futebol. Atividades de Lazer. Antropologia Cultural.

**'JERSEY TEAMS' IN 'VÁRZEA TRADITIONS': ETHNOGRAPHIC NOTES ON THE
MOVEMENT OF FOOTBALL PLAYERS IN A LEISURE CIRCUIT IN THE CITY
OF PORTO ALEGRE**

ABSTRACT: The work is linked to an academic debate on the cultural diversity of sports practices, especially when the subject is approached in its interface with leisure studies. In this context, I present a set of questions in order to discuss the notion of 'team' when it is seen from the perspective of a 'urban leisure circuit' called 'várzea municipal' (Brazilian amateur urban football tournaments) held in the city of Porto Alegre. Throughout the text, by presenting the experience of a multisite ethnographic study and a debate around so-called 'jersey teams', I seek to examine social inventions that do not indicate the tradition of 'sports clubs', but which materialize in 'the teams' and confer meaning to players' belonging and circulation. Those 'other traditions', here taken as character-places, are 'football acquaintances', 'family-groups', 'boards' and 'distinguished people'. Such 'várzea traditions'

¹ Este trabalho foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Licenciado em Educação Física (UNIOESTE), Mestre em Ciência do Movimento Humano (UFSM), Mestre em Administração (UFSM), Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

helped understanding ‘the teams’ as juxtapositions of distinct mobilizations, thus materializing a plethora of character-place arrangements.

KEYWORDS: Soccer. Leisure Activities. Anthropology Cultural.

Introdução

Já não são recentes os estudos socioantropológicos das práticas do futebol vividas por ‘pessoas comuns’ nas ‘situações de lazer’, nas cidades brasileiras³. A partir de diferentes tradições disciplinares, especialmente no âmbito de Programas de Pós-Graduação⁴, emergiram uma série de trabalhos dedicados a compreender essas práticas, com diversos enfoques analíticos (identidade, significados, sociabilidade, gênero, apropriações urbanas, etc.)⁵. Tal interesse dos pesquisadores não é descabido, posto que este ‘futebol de lazer’ trata-se de um fenômeno da cultura urbana, objetivado num conjunto de práticas (jogar, treinar, torcer, *apitar*, *bandeirar*, vender, beber, organizar, etc.), que coloca ‘em movimento’ um grande número de pessoas no cotidiano das cidades. Ainda que não tenham muitos centímetros nos jornais impressos, de tempo nos programas de rádio e TV ou *pixels* nos *websites* esportivos, essas práticas ocupam um importante lugar nos campos, quadras, parques, praças, centros de comunidade, assim como nas ‘copas’, bares, sedes e salões de festas.

Há, portanto, um campo empírico e uma arena de debates orientada para a compreensão de um ‘futebol de lazer’, cujos esforços não o tomam como uma mera reprodução de futebol profissional ou espetacularizado, em menor escala, menos organizado e regulamentado, mas como um universo simbólico que constitui e institui singularidades. É

³ Sem a pretensão de estabelecer um ‘marco inicial’ desse movimento analítico-compreensivo, destaco a importância da tese de doutorado de José Guilherme Cantor Magnani (1982, *Festa no pedaço: O Circo-Teatro e outras formas de Lazer e Cultura Popular*).

⁴ Antropologia Social, Ciências Sociais, Comunicação, Educação, Educação Física, Geografia, História e Sociologia.

⁵ Dentre as pesquisas que encorpam essa postura investigativa, produzidas na forma de dissertações e teses, estão os trabalhos de Stigger (2000), Rigo (2001), Gonçalves (2002), Bauler (2005), Hirata (2005), Tokuyochi (2006), Faria (2008), Figueirêdo (2008), Silveira (2008), Pimenta (2009), Fontes Silva (2009), Spaggiari (2009), Gonçalves (2011), Alves (2011), Stédile (2011), Ghiggi (2012), Cunha (2012), Pereira (2012) e Chiquetto (2014). Esta lista não representa a totalidade de trabalhos e ela pode ser bastante ampliada quando se considera as monografias e os artigos publicados em periódicos.

nesse debate que este trabalho se insere, tendo como enfoque a economia simbólica que orienta a circulação de pessoas para 'jogar sua bola' e as distintas tradições de pertencimentos em 'times' num circuito da cidade de Porto Alegre e região metropolitana, que, embora se materializasse mais claramente na forma do chamado 'municipal da várzea', congregava outras competições (campeonatos e torneios) e uma enormidade de partidas não vinculadas a estas – os amistosos e as excursões.

Apesar dessas outras competições e partidas era o 'municipal varzeano' de Porto Alegre que servia de parâmetro mais significativo para dar contornos àquilo que estou denominando de circuito. Ao longo das imersões de uma pesquisa etnográfica multilocal⁶ realizada entre fevereiro de 2009 e dezembro de 2011, aprendi, seguindo com meus interlocutores, uma representação desse universo futebolístico envolvendo quatro tipos de arranjos de pessoas-grupos ou instituições que já durava 19 anos: 1) as chamadas Ligas Amadoras ou Comunitárias de Futebol; 2) a Gerência de Futebol, órgão administrativo da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME) de Porto Alegre; 3) os times de futebol que circulavam pelos campos diante de seus compromissos em competições ou amistosos; e 4) os árbitros individualmente considerados ou organizados também em Ligas.

'O municipal da várzea' era, seguramente, um dos principais articuladores ou conectores desses arranjos e da produção dos itinerários de circulação nas cidades em face do lazer de trabalhadores urbanos, tratando-se de uma grande competição organizada em duas fases: a primeira chamada de 'regionais', em campeonatos promovidos por Ligas de Futebol da cidade de Porto Alegre; a segunda denominada de 'municipal', num campeonato coordenado pela Gerência de Futebol da SME, a partir dos times classificados nos 'regionais'. Para se ter uma ideia da expressividade desse circuito, no ano de 2009 (17ª edição) estiveram

⁶ Uma modalidade de investigação etnográfica que procura sair dos lugares ou das situações locais, passando a examinar a circulação de significados, de pessoas, de objetos, de histórias em distintos universos, prestando atenção nas conexões, nas associações, nos trajetos, nas conjunções e nas justaposições que marcam as produções culturais. Uma reflexão sobre essa modalidade está no trabalho de George Marcus (2001).

envolvidos 25 Ligas de Futebol e 278 times, no ano de 2010 (18ª edição) foram 26 Ligas e 315 times e, em 2011 (19ª edição), um total de 22 Ligas e 264 times⁷. Um número superior de 50 campos foi utilizado nesses três anos de investigação, a maioria deles sob a responsabilidade do poder público Municipal de Porto Alegre, mas também outros tantos de associações esportivas, comunitárias ou mesmo de propriedade privada.

No caso 'do municipal', havia um regulamento geral institucionalizado no âmbito da gestão pública, cuja produção englobava disputas e consensos entre os membros da Gerência de Futebol da SME, os dirigentes das Ligas e dos Times, os quais, através de seus representantes, se encontravam periodicamente em reuniões deliberativas (para decisões sobre o regulamento e os rumos das competições), técnicas-protocolares (congressos técnicos, retirada e entrega de documentos) e disciplinares (julgamentos relativos aos tipos de comportamentos ditos indisciplinados e a resolução de conflitos de interesses). Embora as práticas do futebol estivessem vinculadas às regras oficiais da modalidade⁸, a participação no 'circuito varzeano' envolvia uma série de produções culturais particulares a respeito da organização, das formas de disputa e de desenvolvimento dos jogos, das categorias e das inscrições, dos sistemas de pontuação, dos critérios de desempates, da arbitragem, da premiação e dos aspectos disciplinares. Dentre essas produções, destacarei, neste trabalho, aquelas relativas à constituição dos 'times', quando estes ganham sentido nas situações de lazer, aqui compreendido amplamente como um lugar de sociabilidade orientado para a diversão, mas que não se desenvolve em contraponto com a seriedade ou com as obrigações.

⁷ Estas informações foram obtidas em uma série de documentos da Gerência de Futebol da SME, correspondentes às 3 edições do campeonato.

⁸ Eram as mesmas regras que orientavam a prática profissional do futebol no circuito da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) e suas subsidiárias (Confederações Nacionais, Federações Estaduais e Ligas, no caso brasileiro).

Estranhando o Pertencimento aos ‘Times’

Durante os quase três anos de imersão nesse ‘municipal da várzea’, olhando atentamente para a circulação dos jogadores, uma das dimensões que me instigou do início ao fim do trabalho foi noção de ‘time’, quando este lugar tinha que ser pensado/constituído na perspectiva do lazer de trabalhadores urbanos. Isso ocorreu já nos primeiros passos da pesquisa, mas foi fortemente alimentado pelo comentário de um funcionário do Município de Porto Alegre, a quem cabia zelar de um dos campos públicos que frequentemente era apropriado ‘pela várzea’. Numa conversa a respeito da formação dos ‘times varzeanos’, este funcionário reclamou nostalgicamente que “o clube de hoje é um jogo de camisas [...], não tem aquele vínculo de clube” (DC⁹, 03/08/2009). Esta afirmação-reclamação dizia muito daquilo que eu já estava observando, servindo de base para alguns primeiros questionamentos: O que são os ‘times de camisa’? Se os times não mais encarnam as instituições-clubes, o que eles representam?

Isso me estimulou a revisitar a noção de ‘clube’ reclamada pelo funcionário, e, sobre essa questão, não era possível deixar de mencionar o trabalho de Eric Hobsbawm (1984), especificamente o capítulo sobre a produção em massa de tradições na Europa, entre 1870 e 1914. Nele, o autor mostra como muitos países – de maneira oficial (política) ou não-oficial (social) – materializaram o que ele denominou de invenção de tradições. Essas invenções eram exigências concretas que assegurassem ou expressassem identidade, pertencimento, coesão, isto é, que estruturassem as relações sociais em contraponto a uma fluidez entre fronteiras de classes e de nações. Isto porque, as formas tradicionais, como nascimento, parentesco, propriedade privada, religião, educação, demarcações geográficas, apesar de relevantes, já estavam desgastadas e não se apresentavam mais como critérios seguros de definição e delimitação das fronteiras.

⁹ Diário de Campo (DC)

É nesse contexto empírico (Europa no final do Século XIX e início do século XX) e teórico (materialismo histórico) que Hobsbawm (1984) evidencia a invenção da tradição das associações – dentre elas os clubes, agremiações esportivas – que institucionalizavam uma forte teia de estabilidade e de continuidade das fronteiras sociais, com efeitos e influências bastante objetivos na organização social. Tais associações, cada qual com seus símbolos (letras gregas, gravatas, bandeiras, sedes, estádios), logo passaram a institucionalizar competições entre elas, objetivando ações capazes de alimentar cotidianamente a identificação, o pertencimento e a coesão. Era nesse sentido que as competições passam a materializar as diferenças, sublinhando que os clubes das classes média e alta, estes regidos pelo ideal do amadorismo, se destacavam em relação aos clubes das massas de trabalhadores, estes imbuídos da lógica do profissionalismo. No caso das competições internacionais, elas serviam para sublinhar os contornos entre as nações ou os impérios, alimentando os nacionalismos.

Essa fundamentação sobre as tradições também está presente nos trabalhos de Arlei Damo (2002, 2007), quando ele estuda os sentimentos que amalgamam os torcedores a seus clubes, tomando o ‘clubismo’ como uma trama social e cultural, um sistema simbólico, com destaque para as experiências relacionadas ao circuito espetacularizado de futebol. Numa de suas análises, o autor afirma que “o time é a representação encarnada do clube” (DAMO, 2007, p. 56), denotando este uma comunidade de sentimentos (na ordem de uma tradição, de caráter estável e duradouro) e aquele um grupo de pessoas com maior ou menor domínio de práticas futebolísticas (na ordem dos costumes, flexíveis, variáveis). Nessa lógica, é através dos ‘times’ que se acessa e se objetiva as participações no universo de disputa do ‘clubismo’, sendo as partidas em competições ocasiões especiais para dramatizar publicamente o pertencimento.

Embora esteja fundamentada na experiência do torcedor, principalmente dos 'times' que constituem os circuitos espetacularizados, essa noção de 'pertencimento clubístico', considerando a argumentação em torno da invenção da tradição, também foi bastante fértil para pensar a participação mais direta na vida das equipes (dos jogadores, treinadores e dirigentes, por exemplo), tal como estive estudando no 'circuito varzeano'. No entanto, o que está no cerne deste trabalho, é justamente uma problematização do pertencimento no que se refere aos 'times de camisa', isto é, aqueles que não mais têm vínculo 'de clube'. Tal estranhamento foi sustentando outras questões, estas de conotação teóricas: Como pertencer a 'um time' sem a referência de 'um clube' (uma associação esportiva, uma tradição)? Ou que 'outras tradições' (universos simbólicos e concretos) os 'times de camisa' colocam em ação nas partidas e nas competições? O que, então, orienta a montagem e a desmontagem dos 'times' no 'circuito da várzea'?

Esta última indagação tornou-se especialmente importante quando procurei seguir alguns 'times' até então entendidos na relação com a 'tradição de clubes'. O primeiro plano da pesquisa foi o de selecionar alguns 'times' e segui-los tanto quanto possível nas disputas de campeonatos, torneios e amistosos, com a ambição de circunscrevê-los enquanto 'clubes' e como eles estariam, então, relacionados ou implicados por dinâmicas da vida urbana. Porém, ao fazer isso, logo me deparei com um problema bastante objetivo: os jogadores circulavam, mudavam de categorias, de 'quadros' ou de 'times' com bastante frequência; os 'times' faziam 'parcerias', mesclavam equipes, desapareciam e reapareciam. Isso desafiava aquela minha imagem inicial de encontrar times-clubes como associações propriamente esportivas, mais ou menos estáveis, representativas deste ou daquele grupo, o que encontrava correspondência com a nostalgia do funcionário da SME. Para meu assombro, contudo, isso não impedia os meus interlocutores de afirmar, orgulhosamente, que esse aqui é o 'meu time', é o 'time da vila', é o 'time da comunidade'.

A experiência desse estranhamento – desaparecimento dos clubes, mas presença do pertencimento – esteve diretamente vinculada com aquilo que Hélio Silva (2009) denominou de situação etnográfica¹⁰, isto porque, o meu primeiro movimento de imersão foi o de seguir para os campos de futebol da cidade de Porto Alegre, com o propósito de observar os times, mas o fazia ‘de longe’, raramente conversando, apenas observando, situado, na maioria das vezes, fora dos alambrados. Nessa situação etnográfica a noção de times-clubes, estes representativos de bairros, vilas, ruas, condomínios ou agremiações esportivas fazia bastante sentido. Entretanto, esse olhar logo se revelaria limitado, pois, com muita frequência, os times também podiam ser melhor descritos como ‘lugares de passagem’ dos jogadores, dos treinadores, dirigentes¹¹ e até mesmo dos torcedores durante um amistoso ou um campeonato. Esta ‘passagem’ também era uma maneira de vivenciar o lazer, o que, paradoxalmente, não excluía a ideia de ‘pertencimento’.

Cerca de 9 meses depois do começo da pesquisa, as observações já eram realizadas dentro dos limites dos alambrados. Esta outra situação etnográfica foi fundamental para que o foco dos olhares não se limitasse à noção de ‘pertencimento’ aos ‘times’, mas que considerasse também a circulação neles, algo próximo ao ‘pertencimento à circulação’, que sublinhava a ideia ‘da várzea’ como um ‘circuito de lazer’. Na beira dos campos, próximo das ‘quatro linhas’ – quando estas existiam – era possível conversar com os membros das equipes, conhecê-los um pouco mais, a ponto de notar que ora estavam (como jogadores, treinadores, dirigentes) num time, ora noutro; ora jogavam em equipes da sua região de residência, ora noutras bastante distantes.

As conversas de beira de campo foram decisivas para notar que se quisesse compreender os ‘times’, especialmente os ‘de camisa’, era preciso experimentar a circulação.

¹⁰ O conhecimento produzido está intimamente ligado aos percursos etnográficos, às situações constituídas nas imersões. “O que ele vê é inextricável de sua situação, ou seja, o lugar que ocupa, o trajeto que faz para ouvir, apalpar, cheirar, xeretar, degustar e ver.” (SILVA, 2009, p. 179)

¹¹ Tratarei principalmente da circulação dos jogadores, mas em muitos casos eles eram simultaneamente treinadores e dirigentes-donos das equipes.

Este foi um dos aspectos que determinou a negociação de imersão numa Liga de Futebol de região periférica da cidade, a liga da Vila Paraná¹² ou a ‘Liga do Miranda’, na qual foram efetivados 22 meses de observação e de participações das/nas práticas de organização de competições. Esta Liga foi escolhida porque era, no período da pesquisa, uma das que mais agregava times e jogadores nas suas competições (mais de 40 times e de 800 jogadores em 2010, assim como em 2011), sendo facilmente descrita como uma ‘Liga Regional’, pois as equipes e seus membros não se restringiam uma única vila ou bairro da cidade de Porto Alegre, agregando, inclusive, times de outros municípios da região metropolitana.

O envolvimento na organização das competições da Liga da vila Paraná, em vista daquilo que me interessava, possibilitou a aproximação com 5 times que eram mencionados como sendo de 3 vilas distintas da periferia da cidade de Porto Alegre (ver descrição no quadro 1). Entre 2010 e 2011 a circulação nessas vilas já foi frequente, inicialmente na companhia do Miranda e, depois, dos outros ‘donos de times’, como alguém que colaborava com ‘as diretorias’. Nesse tipo de situação etnográfica foram observadas 97 partidas que caracterizavam diferentes tipos de ‘compromissos’ (amistosos, campeonatos, torneios e excursões).

Quadro 1 – Relação dos times observados e de algumas características dos arranjos.

Times	Categorias nas quais disputavam as partidas	Donos	Vilas	Número de Partidas observadas
Guarani	Livre, veterano 35, 40 e 50 anos	‘do Miranda’	‘da vila Paraná’	20
São Pedro	Livre, veterano 35 e 40 anos	‘do Edilson’	‘da vila Ibema’	19
Esperança	Livre e veterano 40 anos	‘do Borracha’	‘da vila Ibema’	15
Bandeirantes	Veterano 35 anos	‘do Turco’	‘da vila Ibema’	21
Cerro Azul	Livre e veterano 35 anos	‘do Vargas’	‘da vila Cambé’	22

Fonte: elaboração própria.

¹² As denominações das vilas, dos bairros, das praças e dos parques, como também os nomes dos interlocutores foram substituídos para garantir que “outros usos da pesquisa” fossem operados, para além daqueles referentes ao debate acadêmico, causando constrangimentos ou prejuízos às pessoas e instituições envolvidas.

Seguindo as pessoas que jogavam nesses 5 'times', aprendi que embora a noção de 'clube' fosse problematizável a de 'time' se mostrava bastante relevante, pois nele se encarnavam 'outras tradições' que aqui vou pontuar como os '**conhecidos do futebol**', os '**grupos-famílias**', as '**diretorias**' e os '**diferenciados**'. Procurarei sustentar, na perspectiva do circuito de lazer futebolístico, que essas outras invenções – em termos de tradições sociais – orientavam a montagem e a desmontagem das equipes, a circulação dos jogadores, dos treinadores e dos dirigentes nos 'times' e nas cidades (Porto Alegre e região metropolitana). Na lógica argumentativa que apresentarei, esta incitada pela reclamação do funcionário público, as 'associações esportivas', os 'clubes', em alguma medida, cedem espaços aos 'conhecidos', aos 'diferenciados', aos 'grupos' e às 'diretorias', que são aqui tomados como lugares-personagens do simbolismo 'varzeano'.

A Tradição dos 'Conhecidos do Futebol'

Observando o esforço para 'trazer umas cabeças para o time' – como diziam os meus interlocutores – a fim de montar uma equipe, o que ocorria nos campos, nas ruas, nas casas, nos bares, nos salões de festas, pude notar que os 'quadros' geralmente não eram formados por um único tipo de 'conhecimento', como, por exemplo, somente por aqueles que 'tinham bola', isto é, aqueles reconhecidos como mais habilidosos. É claro que este tipo de 'conhecimento' referia um importante valor no momento de formação de uma equipe¹³, mas, nas dinâmicas que acompanhei, ele se misturava com outros tipos, que, não raro, até mesmo o antecediam, como: vizinhança (moradores próximos, de um mesmo bairro, vila ou condomínio); parentesco (filhos, sobrinhos, irmãos, tios, etc.); coleguismo (sobretudo, das relações de trabalho, do estudo e do tráfico); procedência (conterrâneos, migrantes de uma mesma cidade do interior do Estado); clientelismo (político, no sentido de trocas que resultem

¹³ Tratarei disso mais adiante, numa seção dedicada aos 'diferenciados'.

em votos, mas também clientelismo comercial, no sentido de determinados jogadores gastam mais na copa do que outros); e contingência (quando um desconhecido era chamado para compor o time para não 'dar *WxO*', não deixar o adversário mal e não estragar o campeonato).

A grande maioria dos membros dos 5 times que acompanhei mais de perto era formada entre vizinhos, familiares, colegas de trabalho/ocupação (formal ou informal; lícito ou ilícito), conterrâneos, amigos de infância, etc. Quem circulava pelos espaços-tempos 'da várzea', além de aprender a (re)conhecer os jogadores pelas suas habilidades e proezas futebolísticas aprendia, simultaneamente, tal como aconteceu comigo, que são filhos e pais desta ou daquela família, homens com esta ou com aquela mulher, trabalhadores nesta ou naquela empresa, frequentadores deste ou daquele tipo de festa, bar ou baile, moradores desta ou daquela rua/casa. Esse era um forte indicador de que a constituição dos times não se restringia aos 'conhecimentos das habilidades do futebol', mas de uma lista de 'outros conhecimentos', os quais frequentemente estavam sobrepostos¹⁴.

Como efeito desses 'outros conhecimentos', passei a notar que a montagem dos 'times' não estava apenas 'nas mãos' de uma ou de poucas pessoas (da 'diretoria'), tal como eu havia inicialmente pensado. Era bastante comum, mais do que eu podia imaginar, especialmente nos inícios de competições e nos amistosos, a participação das pessoas que, ao se incorporarem nas equipes, tratavam de movimentar os seus próprios 'conhecidos', o que tornava a montagem dos 'quadros' bastante polifônica. Um time, como o Boa Vista da vila Cambé, segundo explicava-me um dos membros 'da diretoria', num jantar-baile da Liga da Vila Ibema (DC, 11/12/2010), começou com seu pai, a partir de um núcleo familiar; logo passou a contar com o vizinho de um dos filhos do 'dono', que, por sua vez, levou consigo um colega de trabalho.

¹⁴ Por exemplo, um jogador do qual se diz que *tem bola*, simultaneamente, pode ser vizinho e colega de trabalho daquele que o trouxe para o time.

Este exemplo, dentre vários outros que registrei, serve para enfatizar como as dinâmicas de entrada ‘nos times’ colocavam em ação as ‘redes de conhecidos’ não apenas daqueles considerados ‘donos’ ou ‘dirigentes’, mas também daqueles que já ‘faziam parte’ da equipe. E, nessa movimentação, uma coisa era ser um ‘conhecido’, outra era ser um ‘conhecido do futebol’. Uma vez que os ‘novos conhecidos’ arregimentados passavam a frequentar as partidas, eles eram levados a ‘mostrar o seu futebol’ e, assim, paulatinamente, tornavam-se parte de uma ‘rede de conhecidos do futebol’, isto é, de um conjunto de pessoas que nem todos conheciam muito bem para além do ‘circuito varzeano’ (nem sempre sabiam exatamente onde moravam, o que faziam enquanto trabalho/ocupação, de quais famílias eram, etc.), mas que eram plenamente reconhecidas como ‘do futebol’ (joga ‘no meio’, ‘no ataque’, ‘na zaga’, ‘na lateral’, ‘no gol’, colabora com a cerveja, com o churrasco, ajuda na carona, cuida do fardamento, etc.).

Para ser um ‘conhecido do futebol’ era preciso ‘jogar por um time’¹⁵, mas não significava, necessariamente, pertencer a um deles. Os ‘times’ eram os lugares nos quais se podia jogar e, desta forma, a fazer parte de um universo simbólico bastante fluído ou cambiante, constituído no entrecruzamento de muitas trajetórias de pessoas que ‘mostravam seu futebol’ e que, assim, passavam a pertencer a uma determinada ‘rede de conhecidos’, frequentemente chamada de ‘círculo de amigos’. Numa das entrevistas que realizei com a pessoa que mais pude acompanhar no decorrer da pesquisa (o Miranda), tive a oportunidade de lhe perguntar sobre isso. Morando há mais de 25 anos em Porto Alegre, jogando em ‘times’ das vilas Assis, Machado e Paraná, não foi difícil notar que o Miranda constituiu(-se) (n)uma extensa ‘rede de conhecidos do futebol’, que ele relacionava diretamente ao número de amigos e à experiência divertida dos finais de semana e feriados. Quando o questionei sobre o que lhe fazia ir ao campo para jogar, sua resposta foi enfática nesse sentido:

¹⁵ Ou ajudar de alguma forma, como ocorreu comigo. Não cheguei a jogar futebol, mas ao ajudar na organização das equipes passei a ser também um ‘conhecido do futebol’, muito embora a maioria dos meus interlocutores pouco soubesse sobre quem eu era para além daquele universo.

O futebol para mim é um dos melhores círculos de amizade. Eu acho que se não existisse futebol, não existiria tanta amizade. Então eu não consigo me achar aos domingos se eu não estiver em um campo de futebol, para mim é meio triste. Porque em cada canto que a gente vai, em cada lugar que a gente vai, ali tem um [conhecido], a gente cultiva aquela amizade, [...] faz novas amizades [...]. (MIRANDA, Entrevista, 2011)

Se, por um lado, essa noção de ‘conhecidos do futebol’ guardava proximidade com a de ‘pedaço’ apresentada por Magnani (2003), como uma rede de sociabilidade de lazer, um espaço de mediação no qual as pessoas eram reconhecidas, onde se constituíam lógicas de solidariedade e reciprocidade singulares, por outro, ela não denotava uma estabilidade (ou uma lógica espacial). Isto porque, os jogadores ou grupos de jogadores (como explicarei mais adiante), ao longo das suas histórias ‘na várzea’, produziam suas trajetórias, ‘mostrando o futebol’ aqui e não ali e, portanto, constituíam suas redes. Significa dizer que eles, em certa medida, desenhavam os seus ‘pedaços’ na singularidade das suas trajetórias, concretizando aquilo que Stigger (2002) denominou de ‘companheiros-adversários’, isto é, o funcionamento de um universo no qual era preciso compreender para continuar participando e, no caso ‘da várzea’, circulando.

Constituir e pertencer a uma rede de ‘conhecidos do futebol’, não raramente tendo os ‘times’ como lugares de passagem (durante uma competição ou jogos amistosos), embora alimentasse a reclamação do funcionário público apresentada anteriormente, materializada na imagem dos ‘times de camisa’, não era uma heresia. Ao mesmo tempo em que a trajetória e a amplitude dos ‘conhecidos do futebol’ de um jogador se relacionava diretamente com as suas possibilidades de circulação pelos times e pelos campos da cidade, isto é, com suas oportunidades de lazer, ela também dizia sobre quem era o jogador (por vezes também treinador e dirigente).

Não era nenhum pouco estranho observar um jogador atuando por um time ‘da sua vila’ e, dias depois, vê-lo noutra de outra região da cidade, com ‘seus outros conhecidos’. Circulações desse tipo eram muito comuns e, por isso, me fizeram retomar as anotações nos

diários de campo para fazer um levantamento dos times, competições e categorias pelos quais os jogadores tinham se vinculado no período de 22 meses. Encontrei anotações que me permitiram dizer sobre a circulação de 40 jogadores¹⁶, cujo resultado consta na tabela 1 (na próxima página). Não são resultados exatos – são aqueles que, por um motivo ou outro, anotei no diário –, mas servem bem para ilustrar a existência dessa dinâmica de circulação entre times, sobretudo de uma competição para outra.

Tabela 1 – Levantamento da frequência anotada nos diários sobre o vínculo de jogadores com diferentes times, competições e categorias.

Jogadores* (idade**)	Times	Competições	Categorias
Cebola (43)	7	11	3
Adelar (38)	6	7	3
Coruja (39)	5	6	3
Miranda (45)	4	7	3
Amaral (40)	4	7	2
Alceu (40), Gabirú (40)	4	5	3
Tostão (46), Ramos (37) e Seu Vieira (43)	4	5	2
Denis (44) e Grilo (50)	4	4	2
Jesus (39)	3	5	3
Turco (44), Capitão (38), Pará (37) e Dartel (48)	3	5	2
Paulo (21)	3	5	1
Chico, Zequinha e Zezé (43)	3	4	2
Choco (32)	3	3	1
Rodrigo (40)	2	5	2
Matias (40) e Prego (38)	2	5	1
Mineiro (38)	2	4	2
Lucinar (40), Jorge (38), João (16) e Helinho (38)	2	4	1
Juarez (51), Viola (39)	2	3	2
Bola (32) e Batata (50)	2	3	1
Jairinho (40), Giba (28), Lipe (31), Celso (35) e Fiuza (41)	2	3	1

*Os jogadores da mesma linha foram agrupados em função da frequência de vínculos com times, competições e categorias. Portanto, não significa, necessariamente, que circularam juntos.

** Idade calculada com base em 31/12/2010, informação esta obtida nas fichas de inscrições dos jogadores nas competições.

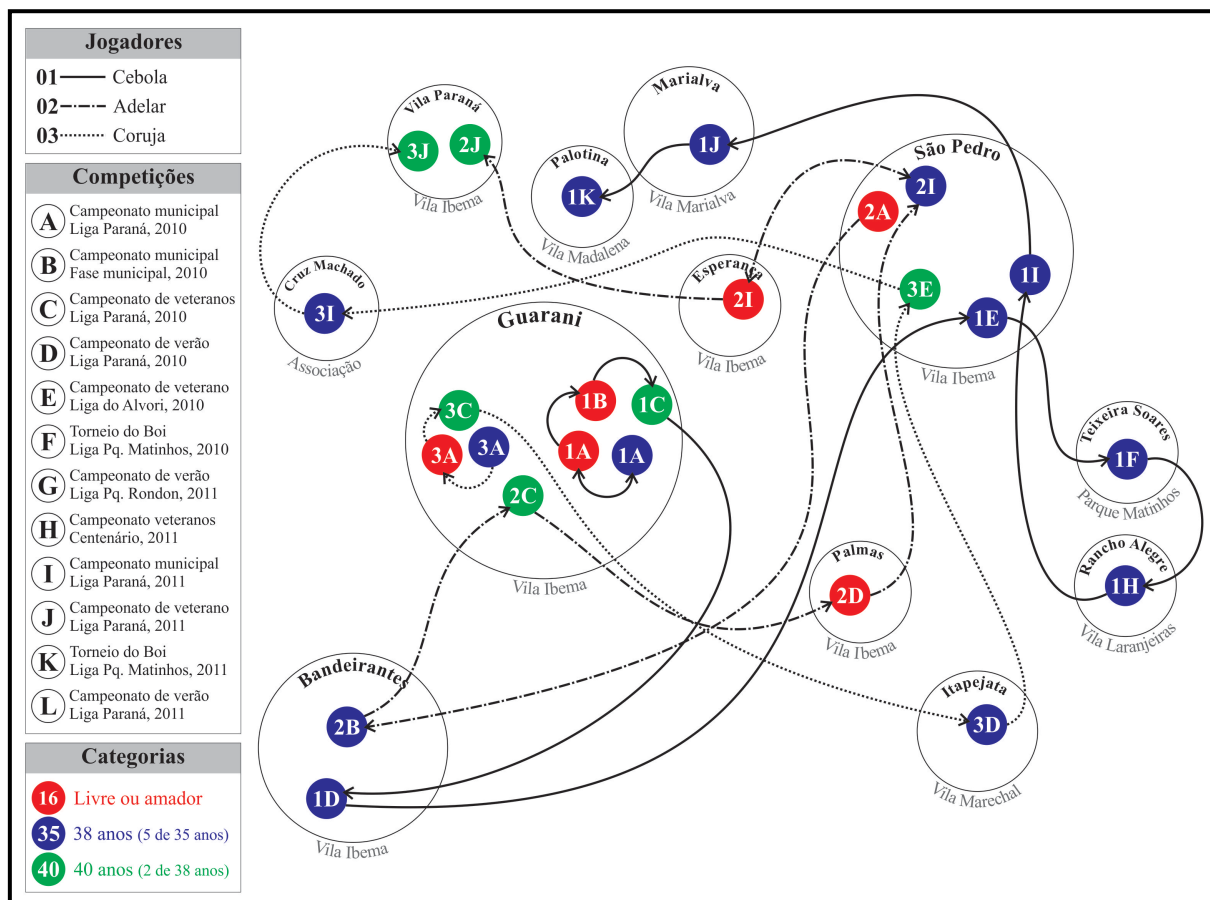
Fonte: elaboração própria.

¹⁶ A maioria das anotações foram resultados de observações nos campos, dos jogadores atuando em diferentes times. Mas, algumas delas foram anotadas a partir de conversas com os jogadores, que diziam sobre as equipes, categorias e campeonatos nos quais estavam ou estiveram.

As informações apresentadas nessa Tabela correspondem ao que aprendi na convivência com meus interlocutores, a maioria deles veteranos. No topo da lista estão o Cebola (43 anos), o Adelar (38 anos) e o Coruja (39 anos), a respeito dos quais se podia dizer que eram ‘bastante conhecidos’, cuja circulação não lhes vinculava a um comportamento inadequado ou uma falta de respeito, pelo contrário era mencionada positivamente, no sentido do ‘circulo de amizades’. Aliás, não foram poucos aqueles que me contaram sobre os ‘times’ pelos quais já tinham ‘passado’ ou ‘assinado’, sobre os campeonatos que disputaram, sobre os adversários mais ilustres e os campos de diferentes regiões da grande Porto Alegre nos quais estiveram. Circular pelos times, campos, campeonatos, falar sobre isso, lembrar, reviver, atualizar a lista de ‘times’ e de ‘conhecidos’, mesmo que fossem adversários, era mencionado com orgulho, especialmente quando se tratavam de equipes e de jogadores que ‘tinham nome na várzea’, notadamente os ex-profissionais.

Tomando como base as anotações sobre os três veteranos (Cebola, o Adelar e o Coruja), apresento uma imagem dos seus itinerários pelos times e categorias, que corresponde exatamente à trajetória de construção das suas redes de ‘conhecidos do futebol’ (FIGURA 1). Com essa ilustração, procuro destacar como os veteranos, segundo seus círculos de amizades, deslizavam pelos ‘times’ entre diferentes categorias, competições e vilas/bairros.

Figura 1 – Trajetória de circulação de três jogadores veteranos em distintos times, competições e categorias, durante 22 meses de observação.



Fonte: elaboração própria.

Depois de muito escutar relatos, passei a considerar não absurda a ideia de que a ‘lista de times’ e de ‘conhecidos’ fosse uma informação tão importante quanto a lista de títulos conquistados, pois ela denotava o quão ‘conhecida’ era a pessoa no circuito. Isso me possibilitou concluir que a tradição dos ‘conhecidos do futebol’, sem dúvida, amalgamava os jogadores nos ‘times’, ainda que pelo período de uma competição ou apenas de um jogo amistoso. Noutros termos, no circuito de ‘lazer varzeano’, em alguma medida, ‘os times’ eram uma representação dessas ‘redes de conhecidos do futebol’, me levando a cogitar a noção de ‘pertencimento à circulação’ e não apenas – ou propriamente – aos ‘times-clubes’.

E, ao enfatizar isso, não quero dizer que aqueles jogadores ou grupos bastante identificados com um time, a ponto de serem lembrados quase como propriedades das equipes

(Edilson 'do' São Pedro, o Magno 'do' Concórdia), fossem menos valorizados. Observando a circulação, aprendi que não se trata de uma relação de oposição e de impedimento (circulação *versus* fidelidade), pois até mesmo estes jogadores fortemente identificados com 'um time' acabavam por jogar noutros, com os seus 'conhecidos', sem que isso fosse percebido ou classificado como um problema.

A Tradição dos 'Grupos-Famílias'

Reconhecer a verossimilhança dos 'conhecidos do futebol', no entanto, não era suficiente para compreender as dinâmicas de montagem dos 'times', isto porque eu me deparava, constantemente, com unidades de pessoas (jogadores, treinadores, dirigentes) que não se desfaziam com o término das competições e dos jogos amistosos, e que, enquanto 'tradições varzeanas', também estavam materializadas 'nos times'. Tratavam-se dos chamados 'grupos', constituídos a partir dos 'conhecidos do futebol', porém na forma de arranjos mais duradouros e coesos. Uma primeira referência dessa tradição dos 'grupos' me foi apresentada numa conversa com o dirigente de uma Liga, quando ele descrevia, da seguinte forma, um time da sua região: "[...] o Olaria é formado por um grupo que se conhece há mais de 15 anos, que sempre jogam juntos" (DC, 10/10/2009).

A partir de manifestações como essas, passei a anotar algumas regularidades na forma como alguns 'conhecidos do futebol' se tornavam 'um grupo', os quais, para sublinhar a coesão, frequentemente se autodenominavam de 'famílias'¹⁷. Compreendi que isto ocorria, fundamentalmente, na experiência dos 'times', pois era no conjunto de mobilizações (nos campos, nos bares, nas ruas, nas residências, nos locais de trabalho, entre outros espaços) para fazer frente aos adversários, seja em competições ou em amistosos, que o sentimento de pertencimento aos 'grupos-famílias' era constituído, reforçado e atualizado. Sem um 'time', os

¹⁷ Essa referência à família denotava a força dos laços entre os membros dos grupos, mas também era sustentada pelo número de jogadores com algum grau de parentesco.

‘conhecidos do futebol’ não teriam acesso aos universos dos ‘grupos’, sendo os embates nas competições ou nos ‘amistosos’ momentos privilegiados para dramatizar os pertencimentos.

Acompanhando muitas situações pude notar que o simples fato de ser convidado – como ‘conhecido do futebol’ – não tornava a pessoa um membro ‘do grupo’. Era preciso comunicar o compromisso em dinâmicas de solidariedade que se constituíam na dramatização ambígua de aproximação-distanciamento da vida ordinária, com destaque para as relações com o trabalho, a família e outros grupos de lazer. No Quadro 2 aponto alguns momentos e fatos que ilustram situações recorrentes nesse sentido de afirmação dos ‘conhecidos’ como membros dos ‘grupos-famílias’.

Quadro 2 – Descrição de exemplos de momentos/fatos recorrentes no que se refere às dinâmicas de constituição dos ‘grupos-famílias’.

RELAÇÕES COM:	FATOS/MOMENTOS
COMPROMISSOS DO TRABALHO	<p>Se um jogador procurava livrar-se do trabalho, com dispensas, trocas de turnos/folgas, compensação de carga horária ou atestados médicos, para ‘não deixar o grupo na mão’, isto era bastante reconhecido. Era nesse sentido que o jogador do Guarani, prestes a iniciar a partida, ao exigir mais compromisso dos seus colegas atrasados, afirmou: “ô meu, eu trabalhei a noite toda, até às 11 da manhã e estou aqui para jogar [às 15:30]” (DC, 30/05/2010).</p> <p>Por um lado, os riscos de lesões que comprometeriam as atividades laborais eram objeto de preocupação, como manifestou um ‘dono de time’ ao ver um jogador ser atingido bruscamente: “Ô meu, tu não sabe que o cara tem que trabalhar amanhã, aqui todo mundo é trabalhador!” (DC, 22/08/2010). Por outro, frequentemente pude observar que aqueles que ignoravam o cuidado com o corpo-trabalhador em vista do resultado, reforçavam seu compromisso com ‘o grupo’.</p>
COMPROMISSOS COM A FAMÍLIA	<p>Quando se queria comunicar o esforço e a vontade para estar no jogo, ‘com o grupo’, se utilizava tranquilamente frases como: “deixei a <i>nega véia [esposa, companheira] na baia</i> com as panelas no fogão para vir no jogo” (DC, 16/05/2010); “não podia deixar ‘os caras’ mau, ‘o time’ estava quebrado, deixei a <i>nega véia brava na baia</i>” (DC, 10/10/2011).</p> <p>Em 2010 e 2011, na liga da vila Paraná, foram realizadas rodadas dos campeonatos no dia das mães. Nelas, boa parte dos ‘times’ comparecia sem parte dos seus jogadores, alegando a preferência pelo almoço com as mães. De um lado, as críticas eram bastante veementes àqueles que aceitaram jogar naquele dia. Por outro, os que deixaram suas mães para irem ao campo, eram plenamente reconhecidos, como não cansava de elogiar o Camilo, dono-treinador do Concórdia. Os que tinham comparecido, na lógica do treinador, “mostravam o valor do grupo” (DC, 08/05/2011).</p>
COMPROMISSOS COM OUTROS GRUPOS DE LAZER	<p>Chegar em casa de madrugada, vindo das festas, bailes e bares na comunidade e, ainda assim, seguir para o campo ‘amanhecido’ (como diziam), também demonstrava o compromisso com ‘o grupo’. Nestas situações, se percebia o orgulho em dizer, como o fez o Cebola, jogador veterano do São Pedro (naquele dia), que “dormi só duas horas, tive que ir jogar hoje cedo. [...] Ô meu, nem dormi, viemos direto para o jogo” (DC, 09/04/2011).</p> <p>Uma das maiores críticas às categorias livres, dos ‘guris’, era a de que só apareciam para jogar e não ‘colocavam dinheiro’ para colaborar com as despesas. Isso era</p>

	relacionado à falta de compromisso com ‘o grupo’, dando sentido a uma série de reclamações como a que foi feita pelo Gomes, ‘dono’ do Toledo da vila Marechal: “eles [‘os guris’] só querem festar, fumar, beber e o dinheiro acaba, não colaboram” (DC, 15/03/2010). Diferente disso, os veteranos eram elogiados. Facilmente eu os observava ‘colocando a mão no bolso’ para pegar alguns trocados contribuir no custeio das despesas do time (arbitragem, taxa de inscrição, cerveja e carne).
--	---

Fonte: elaboração própria.

Esta lista não esgota as relações de ambiguidades que dramatizavam, jogo-a-jogo, as comunicações-demonstrações sobre quem efetivamente era ‘do grupo’, mas era principalmente através dos elementos que ela aponta, que as pessoas conquistavam os seus lugares nos ‘grupos’, que as ‘famílias’ eram constituídas. Em muitos casos, aliás, a passagem simbólica dos ‘conhecidos’ para os ‘grupo’ era tão significativa que o seu reconhecimento nas ruas, nos bares e nas festas, passava a se dar a partir das funções/posições no jogo. Nesse sentido, foi comum observar, fora dos campos, os integrantes ‘dos grupos’ se cumprimentarem da seguinte forma: e aí ‘meu goleiro’, ‘meu zagueiro’, ‘meu lateral’ ou ‘meu goleador’. Não era por acaso, portanto, que o Miranda da vila Paraná, ‘dono’ do Guarani, ao montar suas equipes de trabalho nas obras da construção civil, contava com os membros de ‘seus grupos do futebol’. Isso quer dizer que, uma vez solidificados, a unidade dos ‘grupos-famílias’ extrapolava a dimensão ‘dos times’ (nas competições e amistosos), servindo como referência para outras ações na vida das pessoas envolvidas (trabalhos, festas, jantares, almoços, excursões).

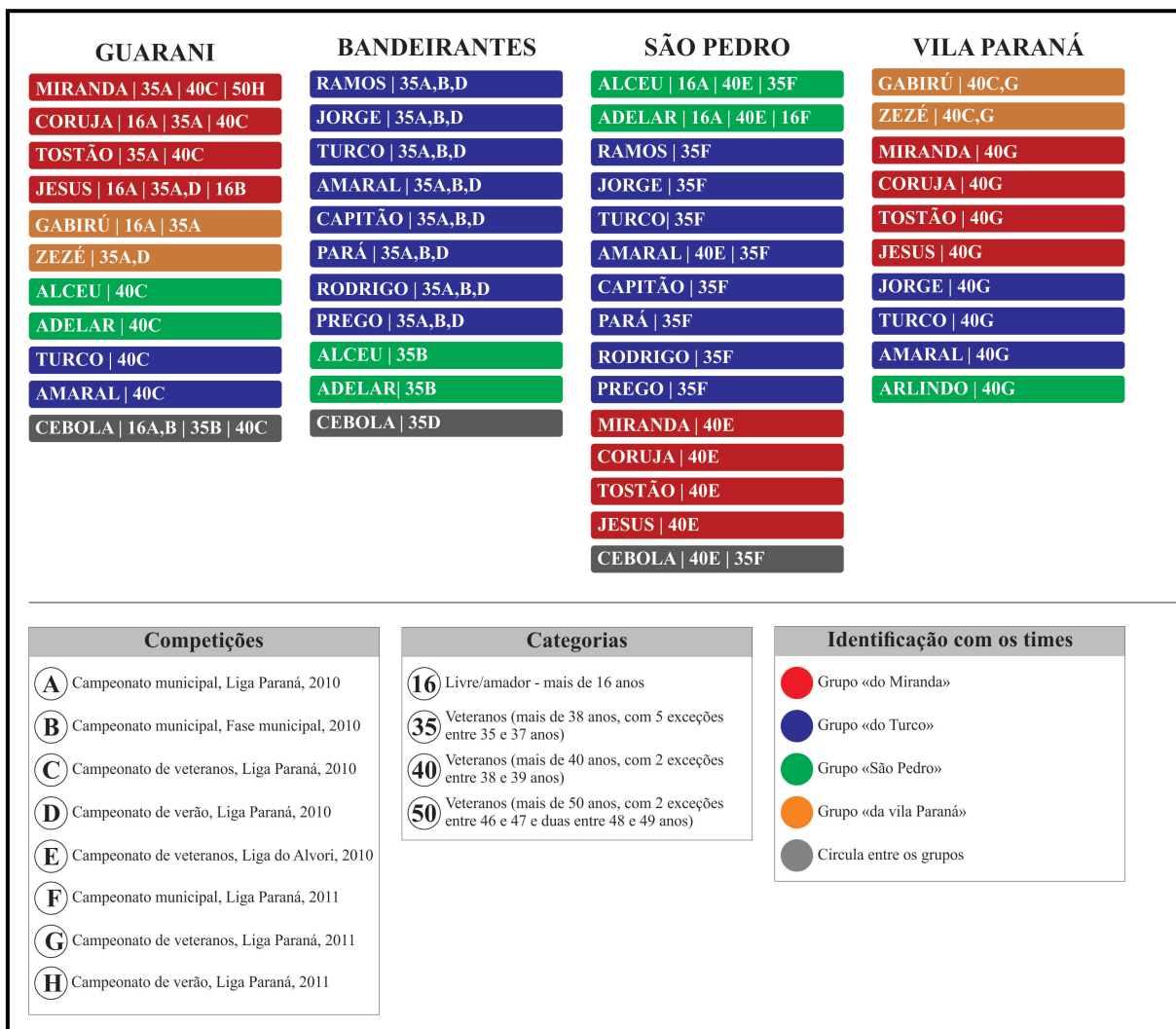
Nessas outras atividades a unidade do ‘grupo’ se reforçava ainda mais, ficando a impressão de que elas – as festas, os almoços, os trabalhos – também eram parte ‘dos compromissos do futebol’, como, por exemplo, a festa de aniversário de 15 anos da filha do Cebola (o jogador de maior circulação, ver na TABELA 1). Com a colaboração do Miranda¹⁸, o Cebola realizou a festa, para a qual eu fui convidado como ‘conhecido’, mas também como

¹⁸ Que retribuía as tantas vezes que o Cebola lhe ajudou, levando e trazendo pessoas com seu carro, mas também aproveitava para iniciar sua campanha para vereador de Porto Alegre, dando 80 kg de galetos e montando uma equipe com familiares e amigos para assar e servir a bebida.

fotógrafo. Participando desse momento da vida do 'centroavante goleador', não pude deixar de notar a importância dos 'grupos do futebol': estavam presentes 15 'conhecidos' dos campos, acompanhados de outras 18 pessoas (mulheres e crianças), perfazendo pelo menos um terço do total de participantes da festa (DC, 14/05/2011). Não eram os 'times' que estavam representados nas festas, mas diferentes 'grupos do futebol'.

A autonomia relativa dessas unidades de pessoas sobre os 'times' também foi percebida quando pude acompanhar a circulação dos 'grupos' em distintas equipes, principalmente quando se tratava de diferentes competições e categorias. Era bastante frequente 'um grupo' de jogadores 'assinar' com um 'time' numa competição e, noutra, atuar por outro, tal como era fácil vê-los transitarem pelos 'times' em diferentes categorias (livre, 35, 40 ou 50 anos). Para explicar melhor isso, com base nas anotações constantes nos diários de campo sobre 18 pessoas, elaborei uma ilustração dessa circulação (FIGURA 2). Nela é possível observar como a 'tradição dos grupos' se materializava nos distintos 'times', sem que isso – a exemplo dos 'conhecidos do futebol' – fosse mencionado como um problema moral no 'circuito da várzea'.

Figura 2 – Ilustração da circulação de jogadores-grupos entre diferentes times que mandam seus jogos no mesmo campo (o campo da vila Ibema).



Fonte: elaboração própria

Normalmente esses grupos eram constituídos em torno de uma pessoa, daí o uso recorrente de enunciados como o ‘grupo do Miranda’, ‘o pessoal do Turco’, ‘o grupo do Borracha’. Essa centralidade do Miranda, do Turco e do Borracha, tinha relação direta com o fato de que eles eram ‘donos de times’, isto é, encabeçavam aquilo que se denominava de ‘diretorias’ (sobre as quais tratarei mais adiante), constituindo a noção de que ‘um grupos’ estava vinculado ou identificado com ‘um time’, mediados pelas ‘diretorias’. Não havia dúvidas de que os ‘grupos-famílias’ formavam as bases mais sólidas de um ‘time’, motivo pelo qual era tão constante o uso de expressões como o pessoal o ‘do Bandeirantes do Turco’, ou os jogadores ‘do Miranda do Guarani’. Isso criava uma imagem de ‘grupos-times’, mas

essas suas construções, apesar de relacionadas, podiam ser vistas separadamente, sem que tal afastamento fosse tomado como um contrassenso, principalmente nas situações em que o 'time do grupo' não tivesse nenhum compromisso futebolístico agendado.

Em vários momentos notei uma dimensão de compromisso de um 'grupo' para com seu 'time', como fica evidente na dramatização do Calango, goleiro amplamente reconhecido na vila Cambé como 'do Cerro Azul do Vargas', quando lhe convidaram para ir jogar noutro time: "posso ir jogar, mas antes pergunto para o Vargas [dono-treinador] se ele vai colocar [o 'time' do Cerro Azul] no campeonato" (DC, 27/02/2011). Noutros termos, o Calango não deixaria o 'seu grupo', mas poderia jogar por 'outros times', reforçando a ideia de que o compromisso era, antes, com aquela unidade de 'conhecidos do futebol' mais coeso que representava ou que encarnava o Cerro Azul da vila Cambé, do Vargas.

Contudo, até mesmo os 'donos' e 'seus grupos' não estavam impedidos de compor 'outros times', pois estes não eram prisões daqueles. Foi o que ocorreu, por exemplo, com o Turco, que mobilizou 'seu grupo' e disputou, com o Bandeirantes ('seu time'), 4 campeonatos no período de março de 2010 a março de 2011: o municipal, fase da liga da vila Paraná, no primeiro semestre, no qual classificou-se e jogou a fase municipal, no segundo semestre; simultaneamente à fase municipal, colocou o time no campeonato de verão da liga; no início de 2011, disputou o 'Torneio do Boi' da liga do parque Matinhos. Nesta última competição, ficou desanimado com o 'seu time', pois mal conseguia levar 11 jogadores para o campo, perdendo uma série de jogos, o que se agravava em função de ter que tirar dinheiro do bolso sozinho, uma vez que poucos tinham colaborado para pagar os R\$ 250,00 de inscrição.

Diante dessa situação, o Turco decidiu 'dar um tempo no time', mas o 'seu grupo' não foi desfeito. Ele resolveu não inscrever o Bandeirantes no campeonato municipal de 2011. Foi, então, convidado pelo Edilson do São Pedro para fazer uma 'parceria', que se resumia em levar o 'seu grupo' para este time, no qual disputariam a fase da liga. Isso foi feito e, praticamente metade

da equipe de veteranos do São Pedro, foi composta pelo 'grupo do Turco, do Bandeirantes'. Simultaneamente a essa competição observei o Turco e alguns de seus colegas (o Amaral e o Jorge) participando de outras equipes (no Guarani e no Vila Paraná) e categorias (as de 40 anos), nos jogos do sábado à tarde, revelando uma lógica bem expressada na explicação do Saulo, um veterano que elogiava o 'seu grupo', 'do Centenário': "É, sempre tem um que puxa o outro, vamos jogar lá? Mas, tem cabeças que estão com a gente desde o começo" (DC, 18/09/2010).

A Tradição das 'Diretorias'

Até aqui procurei argumentar que, nas tradições varzeanas, os 'times' também eram encarnações de redes de 'conhecidos do futebol' e/ou de 'grupos-famílias', mas nesse sentido, ainda foi premente tratar de um núcleo ainda menor de pessoas, este sim invariavelmente existente na relação com os 'times': as chamadas 'diretorias'. Se os 'conhecidos' e os 'grupos', guardadas as dimensões descritas acima, poderiam se materializar em 'diferentes times', esse não era o caso das 'diretorias', pois elas pertenciam a 'um time' e vice-versa. Assim, aquelas pessoas que figuravam como membros de 'diretorias' eram muito fortemente vinculadas a 'um time', mesmo que este tivesse diferentes equipes em distintas categorias (livre, veteranos 35, 40 ou 50 anos).

Ser 'da diretoria', portanto, não era apenas ser um 'conhecido do futebol' ou um membro do 'grupo-família', mais do que isso, era 'ser de um time'. E, tal como observei em muitos casos, não apenas nos 5 'times' que acompanhava de perto, tratava-se de um distinto lugar no 'circuito varzeano', ocupado sem a necessidade de legitimação por documentos ou formalidades cartoriais, porém impregnado de responsabilidades para com a montagem, a manutenção, a continuidade e a participação das equipes em competições e amistosos. Aqueles que eram 'das diretorias', em face dos compromissos das equipes, estavam constantemente preocupados com um bom número de tarefas, como: dispor, organizar e lavar

‘fardamentos’; providenciar bolas, súmulas, fichas; ‘colocar’ dinheiro, pagar churrasco e cerveja para ‘chamar’ os jogadores; pagar taxas de inscrição e de arbitragem; organizar meios de transporte; participar de reuniões; garantir pelo menos ‘11 cabeças’ para os confrontos; montar um ‘time de chegada’¹⁹, etc.

Essa lista é apenas ilustrativa em vista de outras tantas atividades que estavam na pauta das pessoas, mas ela me fez entender que a passagem de uma pessoa ‘de conhecido’ ou ‘do grupo’ para a ‘diretoria’ de ‘um time’ estava intimamente relacionada ao conjunto de deveres, num sentido de que é membro ‘da diretoria’ aquela pessoa (jogador ou não) que se dispõe a colaborar, que assume e responsabilidades e as cumpre. E, nesse sentido, quanto mais engajado ‘nos times’, mais os projetos do futebol se imbricavam com outras dimensões da vida das pessoas envolvidas, o que alimentava o intenso uso do substantivo ‘abnegação’ para descrever as ações dos membros das ‘diretorias’, sustentando uma representação bastante forte no circuito, a de que ‘a várzea’ não existiria sem esses abnegados.

A ideia de sujeitos abnegados à frente dos ‘seus times’ me levou a ampliar o olhar sobre como as pessoas ocupavam os seus lugares nas ‘diretorias’, o que ocorria pela forma como a ‘vida dos times’ se imbricava com a ‘vida das pessoas’, isto é, quando os ‘times’ deixavam de ser apenas projetos esportivos, figurando simultaneamente como projetos de uma pessoa ou de pequenos grupos. Na expectativa de manter, de sustentar as equipes, de cumprir os compromissos nas competições e de vencê-las, estando próximo das ‘diretorias’, eu notava o desenvolvimento de estratégias recorrentes que demonstravam tais imbricações. No quadro 3 descrevo algumas e como elas misturavam os projetos.

¹⁹ Um ‘time de chegada’ era aquele sobre o qual se manifestava certo consenso a respeito de sua capacidade de disputar as finais das competições e de ser campeão. Nessa construção pesavam vários aspectos, como a reputação, o ‘peso da diretoria’, a qualidade dos jogadores envolvidos, dentre outros.

Quadro 3 – Descrições de estratégias de ação dos membros das ‘diretorias’ para com seus ‘times’ e as imbricações entre os projetos pessoais/grupos e os esportivos.

ESTRATÉGIAS	IMBRICAÇÕES
Arrecadações de dinheiro com os jogadores	Cabia aos jogadores – por vezes os ‘diferenciados’ estavam isentos – contribuir com algum dinheiro (R\$ 1,00, R\$ 2,00, R\$ 10,00), conforme as condições financeiras de cada um, mas também de acordo com os cálculos de tempo de participação efetiva no jogo e o não comprometimento do consumo cerveja nas ‘copas’ e bares. Ou seja, esse processo de arrecadação era repleto de critérios, especialmente porque dele poderia resultar lucratividades para os membros ‘das diretorias’. Era o tipo de cuidado que se tinha, por exemplo, em relação ao do Seu Pires do Tarumã, que pagava as taxas com cheque pré-datado e arrecadava dinheiro à vista dos jogadores (DC, 29/03/2011), como também do Seu Juca do Iguatu, a respeito de quem se dizia que “[...] esse é o único que sai ‘pelado’ [sem dinheiro], volta ‘molhado’ [embriagado] e com alguma moeda no bolso” (DC, 26/03/2011).
Copas, bares, excursões para fazer renda	Não eram poucas ‘as diretorias’ que mantinham ‘copas’, bares ou que organizavam excursões com a finalidade de ‘fazer renda’. Se, por um lado, pude observar que as ‘copas’ eram montadas para sustentar os ‘times’, o inverso também ocorria, isto é, que os ‘times’ eram montados para sustentar as ‘copas’ e, não raro, sustentar seus ‘donos’ (e família), situação esta bastante evidente em relação ao Borracha do Esperança e do Miranda do Guarani, que eram sócios na ‘copa’ do campo da vila Ibema. A respeito desta situação, em entrevista, o Miranda explicou claramente que “[...] o futebol ele tem duas formas né, ele ao mesmo tempo que tu faz o futebol ele também tem a geração de renda [...]”.
Mobilizar um empresário, um candidato ou um patrão	A busca, entre os ‘conhecidos’, por uma pessoa disposta a colaborar era constante, sobretudo nos períodos pré-competições, quando se avultavam as conversas sobre ‘conseguir um empresário’ (normalmente pequenos empreendedores locais) ou ‘um patrão’ (chefe ou membro de facções ou quadrilhas do tráfico de drogas). Já em períodos que antecediam eleições para cargos eletivos do poder público, aumentavam os rumores sobre ‘conseguir um candidato’ para apoiar um time ou um campo. A respeito destes vínculos, ainda que não se pudesse afirmar exclusivamente que a montagem dos times ganhasse sentido frente ao aumento da clientela dos empresários, no movimento das ‘bocas do tráfico’ ou na contagem dos votos dos candidatos, estas dimensões também não podiam ser descartadas.
Contar com familiares, amigos e vizinhos	A ‘vida dos times’, em maior ou menor medida, era tributária do envolvimento de familiares, amigos e vizinhos dos membros das ‘diretorias’, muitos dos quais não faziam parte dos ‘grupos’, mas eram chamados a colaborar na limpeza e conservação dos ‘fardamentos’, na realização de almoços, jantares e festas, na administração de ‘copas’, bares, etc. O maior exemplo disso era, sem dúvida, a família do Seu Olívio, cujos filhos, sobrinhos e netos – 10 pessoas – frequentemente jogavam juntos, a maioria das vezes no Mariluz, da vila Marajó. O Seu Olívio e seus parentes, ao mesmo tempo em que participavam dos ‘times’, trabalhavam na ‘copa’ que funcionava nos dias de jogos no campo da vila, cujos lucros eram bastante significativos como parte da renda familiar.

Fonte: elaboração própria.

Ao longo da pesquisa, tendo em mente informações como essas, pude perceber que ‘as diretorias’ mais bem sucedidas eram aquelas capazes de mobilizar diferentes estratégias, cujos interesses e resultados eram difíceis de serem destacados das coisas da vida ordinária, no sentido de tomá-los somente como práticas do futebol. Embora isso fosse constantemente relacionado a dificuldades e ansiedades, era fácil observar o quanto um conjunto de práticas

relativas ao futebol estava dissipado nas dinâmicas familiares e comunitárias, tanto que a identificação (e as identidades) dos 'times' era intensamente nutrida de representações como o 'time da vila Cambé', o 'time do final da linha T9²⁰', o 'time dos Andrade²¹' o 'time da vidraçaria Blindex" ou o 'time do Marreta da vila Cascavel". Portanto, mais do que a origem dos jogadores e dos treinadores, eram 'as diretorias' e suas mobilizações que, em grande medida, sublinhavam aspectos de identificação dos 'times' no 'circuito varzeano'.

Ademais, aqueles mais abnegados, os que ocupavam um lugar de liderança 'nas diretorias' eram frequentemente denominados de 'donos', 'dirigentes' ou 'presidentes' dos 'times', ainda que não existisse nenhum documento formalizando a propriedade ou a legitimidade do cargo. No entorno dessas pessoas ou em razão das estratégias deles é que se constituíam e se mobilizavam – 'nos times' – os 'grupos-famílias' e as redes de 'conhecidos do futebol'. Além de comunicar a disposição para com as responsabilidades, para se transformar num abnegado, assumir a 'diretoria' de 'um time' se ser, efetivamente, um 'dono-presidente' denotava a constituição de condições concretas para que os 'grupos-famílias' e as redes de 'conhecidos do futebol' existissem enquanto tais, o que revelava a importância desse pequeno grupo de pessoas na vida do próprio circuito de futebol.

'As diretorias', desse modo, adquiriam materialidade na inter-relação com os 'grupos-famílias' e com os 'conhecidos do futebol'. A maioria delas, aliás, estava fortemente vinculada a determinados 'grupos-famílias' e/ou redes de 'conhecidos do futebol', o que me ficou bastante claro na explicação do Gaspar que, junto com seu irmão, o Gerson, eram 'a diretoria' do Boa Vista da vila Cambé. Segundo ele, depois do falecimento de seu pai, como já 'conheciam' as pessoas e faziam parte do 'grupo', continuaram a 'levar o time' (DC, 11/12/2010). Não seria imprudente dizer que eles não herdaram apenas 'o time', mas sim e, fundamentalmente, continuaram a criar condições – pelos 'times' – para a constituição dos

²⁰ Linha de transporte urbano da cidade de Porto Alegre.

²¹ Sobrenome da família.

‘conhecidos’ e dos ‘grupos’, tal como aconteceu com ‘o Gomes do Toledo’, ‘time da vila Marechal’, que me relatou ter entrado no time há mais de 30 anos, como jogador, depois passou a acumular a tarefa de treinador e, quando parou de jogar, assumiu como ‘presidente’, função que ocupa até hoje, contando principalmente com ‘os conhecidos’ que formam o ‘seu grupo’ (DC, 11/03/2010).

Uma ‘diretoria forte’, ‘de peso’, era aquela que agregava sujeitos abnegados e que comunicava, nas suas ações, o cumprimento das responsabilidades para com o ‘time’ e sua capacidade de ‘chegar’. Tais indicadores mobilizavam as redes de ‘conhecidos do futebol’ e os ‘grupos-famílias’, o que ficava bastante visível entre os ‘times’ que tinham dificuldades para se sustentar. Foi/era o caso, por exemplo, do Pocotó, um veterano de 43 anos que morava com a mãe e era alcoólatra assumido, um ‘conhecido do futebol’ e que fazia parte do ‘grupo do Miranda’. Em 2011, ele decidiu montar o ‘seu time’ de veteranos para disputar o campeonato da Liga da vila Paraná. “Juntou ‘umas cabeças’, mas ao passo que os outros times foram se constituindo, a equipe foi desfeita. Como relatou o filho do Miranda (14 anos) – em tom de gozação –, ‘o time do Pocotó’ durou três dias, inscreveu num dia e dois dias depois não tinha mais ‘time’. Ninguém quer ir nessa ‘barca furada’” (DC, 12/03/2011). Nesse caso, não havia ‘uma diretoria’, pois era sabido, antecipadamente, que o Pocotó não tinha condições de ‘colocar dinheiro no time’ e, além disso, se desconfiava do destino das arrecadações que seriam empreendidas por ele – iria ‘beber o dinheiro’.

Vale destacar, nesse caso do Pocotó, que ele, enquanto ‘dirigente’ ou ‘dono de time’ não desenvolvia inter-relações sólidas com um ‘grupo do futebol’, embora participasse de um (o ‘do Miranda’). Essa inter-relação também dizia sobre o ‘peso das diretorias’, sendo possível afirmar que ‘as diretorias’ mais fortes eram aquelas que ‘tinham seus grupos do futebol’, como ocorria com o ‘Miranda do Guarani’, o ‘Edilson do São Pedro’, o ‘Borracha do Esperança’, o ‘Turco do Bandeirantes’ e o ‘Vargas do Cerro Azul’. Estes ‘donos’ faziam parte

de 'grupos-famílias do futebol' e, na relação com eles, consolidavam as 'suas diretorias', o que não ocorria com a Tia Ana, líder comunitária da vila Paraná, que, em tempos de eleições, se aproximava 'da diretoria' de um dos 'times' da vila, ajudando com tarefas, materiais esportivos e dinheiro, mas não era 'bem vista' porque não fazia parte dos 'conhecidos do futebol'. Tal visão negativa da Tia Ana ajudava a entender como as imbricações de projetos (futebol-comunidade-família) era significativa na construção simbólica de uma 'boa diretoria'.

A Tradição Dos 'Diferenciados'

Por último, para compreender a noção de 'times de camisa', foi importante olhar com atenção para um grupo de jogadores que, embora pudesse fazer parte de redes de 'conhecidos do futebol' e de 'grupos-famílias' ou até mesmo de 'diretorias', circulavam de uma maneira particular nos/entre os 'times'. Tratavam-se dos chamados jogadores 'diferenciados', isto é, aqueles sobre os quais pairava um consenso de que eram mais habilidosos e mais decisivos do que os outros numa equipe ou numa competição, aqueles que, efetivamente, 'faziam a diferença' no rendimento de um time.

Nesse sentido, dentre os jogadores que pude conviver, o Cebola, 43 anos em 2010, centrovante, sem dúvidas, era o caso mais exemplar. Passou por treinamentos especializados em categorias de base de clubes, jogou em times do circuito profissional de futebol, mas desistiu porque, segundo ele, "tinha muita 'traíragem', não era só futebol" (DC, 11/12/2010). Considerado pela maioria dos jogadores que conheci como um daqueles que 'fazia a diferença', o Cebola, no decorrer de 22 meses, jogou por 7 times, em 11 competições e 3 categorias (conforme consta na tabela e figura 1, na página 12), e frequentemente circulava sozinho (tal como ilustra a figura 2, na página 16). Ao fazer isso, ele não deixava de ser um 'conhecido do futebol', pelo contrário, reforçava esse conhecimento, como também

continuava a ser um daqueles que fazia parte do ‘grupo do Miranda do Guarani da vila Paraná’, ao mesmo tempo em que era ‘um diferenciado’.

A intensa circulação do Cebola pelos ‘times’, como também de vários outros jogadores, não deixava dúvida de que a montagem dos ‘times’ também estava centrada na arregimentação de jogadores ‘diferenciados’ para compor as equipes. Mas, além disso, eu estava interessado em saber como se chegava a esse consenso? Fui respondendo a essa indagação com base nas conversas com muitos interlocutores, estas empreendidas na beira dos campos, nas reuniões, nas ruas, nas residências, tendo em vista nossas observações e avaliações sobre as performances dos que ‘mostravam o seu futebol’ dentro das quatro linhas. A partir delas, aprendi que a passagem para o ‘reino dos diferenciados’ envolvia, sobretudo, três tipos de relações dos jogadores: 1) com a bola (quem ‘sabe bater na bola’, que ‘bate com os dois pés’, quem ‘conhece a bola’, quem ‘não apanha da bola’, ‘a firmeza com que se pega’ no caso dos goleiros, ou até mesmo aquele que ‘é bola’, insinuando uma indivisão entre jogador-bola); 2) com o adversário (quem sabe ‘chegar no adversário’, quem ‘sabem entrar na marcação’, quem ‘sabe dar o bote na hora certa’, quem ‘sabe se livrar do marcador’); e 3) com o campo (quem sabe ‘se movimentar’, quem ‘sabe ocupar espaço’, quem ‘sabe os atalhos’, quem ‘sabe sair do gol’).

É claro que entre ‘os diferenciados’ normalmente estavam aqueles que passaram por etapas de treinamentos em ‘escolinhas’ ou categorias de base de clubes e, principalmente, os que já tinham jogado profissionalmente. Nesses casos, os consensos eram mais estáveis e transferíveis, entretanto, de modo algum estavam à salvo de discussões. A questão era que quanto mais os termos descritos entre os parênteses apareciam nas minhas conversas e nas outras que eu observava, mais se concordava que os jogadores sabiam ‘da bola’, ‘dos adversários’ e ‘do campo’ e, portanto, melhor era possível coloca-los no ‘universo dos diferenciados’. Essa construção dentro dos campos e nas beiradas destes era resultado de uma

avaliação cuja objetividade era obtida na base do consenso, nem sempre facilmente generalizável para outros espaços-tempos ‘da várzea’. Isso porque, se numa rede de ‘conhecidos do futebol’ (a da ‘comunidade’, por exemplo) um jogador poderia figurar entre os ‘diferentes’, fora dela, noutras ‘redes’ (em outros parques, ligas ou mesmo fases das competições, para além das relações mais locais), ele poderia rapidamente retornar para o reino dos comuns, justificando avaliações como esta: “Eu pensei que o Jamu ‘tinha bola’ para jogar só lá na vila, porque era amigo, mas ele também joga aqui?” (DC, 29/08/2009).

Esta reclamação na forma de questionamento fora feita por um torcedor que ‘conhecia’ o Jamu, avaliando a sua participação num jogo da fase municipal do campeonato de Porto Alegre, no campo do parque Formosa, na região central da cidade. Naquela ocasião, ela indicava que o jogador ‘tinha bola’ para jogar na fase regional da competição, ‘lá na liga ou na vila’, onde ‘fazia a diferença’, mas que não ali, ‘no municipal’ e num ‘campo do centro’. Situações como essa me fizeram compreender que o pertencimento ‘aos diferenciados’ não se tratava de uma avaliação individual – uma essência do jogador habilidoso –, pois dependia de consensos, muitos dos quais não podiam ser deslizados ou transferidos para outras situações, nem mesmo para outros campos da cidade, significando que a avaliação da ‘diferença’ era desenvolvida no interior das distintas ‘redes de conhecidos’. Frequentemente aqueles com uma ‘rede de conhecidos’ mais ampliada, que lhes permitiam circular em muitos espaços-tempos do circuito varzeano, eram os mais facilmente reconhecidos como ‘diferentes’, pois justamente essa condição os desprendia dos pertencimentos mais vinculados à vizinhança, parentesco ou coleguismos.

Outro aspecto que ajudava a definir ‘um diferenciado’ era presença dos ‘incentivos’ para os seus deslocamentos e participações. Àqueles que eram colocados no ‘universo dos diferenciados’ se reconhecia a possibilidade de ‘investir’ para ‘reforçar o time’, o que gerava um mercado de jogadores e uma circulação baseada em distintos tipos de ‘incentivos’, sendo

os 'pagamentos' mais comuns feitos em dinheiro, cerveja, churrasco, materiais esportivos, ofertas de serviços, combustível para veículos e vales-compra em mercados. Conheci vários 'diferenciados' que 'recebiam para jogar', cuja circulação era mediada por 'incentivos'. Aliás, vários jogadores faziam questão de anunciar o recebimento, pois isso lhes colocava num lugar simbólico de destaque em relação aos 'comuns'. Um exemplo claro disso eu observei numa das reuniões da liga da vila Paraná, quando o veterano Ribas disse que "ganhava para jogar, joguei muito na Serra" (DC, 01/03/2011). Naquela ocasião, mais do que dizer sobre suas habilidades, ele tratava de colocar como um 'diferenciado'. Nesse sentido, não menos significativo era dizer que os 'donos dos times' iam buscar em casa para jogar. Isto é, ser chamado para jogar noutros espaços, estes distantes da própria casa (até mesmo noutras cidades) também conferia lugar 'diferente' no circuito.

Porém a arregimentação de um jogador apenas pela 'diferença' não raramente era motivo de discussões e reclamações. Duas foram as situações que melhor ilustraram esse tipo de reclamação: a primeira ocorreu na sede do Centenário (time reconhecido pelos seus 'diferenciados'), quando encontrei um rapaz morador da vila que reclamava ter começado o ano como jogador, mas acabou sendo substituído. "Eu 'assinei' com o Centenário, mas não jogo mais. O Pardal ['dono'] quer trazer os 'boleiros' e deixa os daqui de fora" (DC, 16/05/2010) disse-me o rapaz; na segunda situação eu estava a 'fazendo sùmula' quando reconheci um jogador e lhe perguntei porque não estava 'fardado para o jogo'. Este rapaz, que é sobrinho do treinador e neto do 'dono do time', contou-me em tom de indignação, que ficou fora porque o treinador trouxe 'cabeças de fora' para 'reforçar' e ele, que acompanhava fielmente o grupo, acabara sobrando. Para solidificar ainda mais sua reclamação, ele lembrava dos 'maus momentos' que enfrentou no ano anterior e, juntos, concordávamos que a atitude do treinador não era a melhor (DC, 03/04/2011).

Em algumas situações estas reclamações tinham proporções ainda maiores, no sentido de que ‘a várzea’ não deveria ser lugar dos ‘diferenciados’, mas dos trabalhadores-jogadores comuns, como a que eu ouvi do Ruben, veterano do Diamante e proprietário de uma mecânica de automóveis na vila Machado, quando ele argumentava que “eles [‘os diferenciados’, especificamente os ex-profissionais] têm um treinamento que nós não temos, não é justo, a bola chega neles ‘é diferente’. Devia ter um campeonato só para eles, porque nós trabalhamos durante toda a semana e no fim dela gostamos de ‘jogar uma bolinha’” (DC, 15/05/2011). Porém, embora a crítica do Ruben fosse válida e reconhecível em vários locais-movimentos do circuito, eu tinha aprendido que ‘o problema’ da arregimentação dos ‘diferenciados’ estava mais fortemente localizado nas situações em que ‘eles’ não eram parte dos ‘conhecidos’ ou dos ‘grupos’.

Os ‘donos dos times’ e os próprios jogadores desejavam contar com ‘diferenciados’ em seus times, como também desejavam dispor de recursos para ‘contratar reforços’ e ‘incentivá-los’ a comparecer e participar. Não se tinha dúvidas disso. ‘O problema’, portanto, estava justamente nos ‘diferenciados de fora’ – não raramente os ex-profissionais –, quando estes, nos ‘times’, ocupavam os lugares daqueles ‘de dentro’, dos que faziam parte dos ‘conhecidos’ e ‘dos grupos’. E, era sobre ‘as diretorias’ que pairavam as controvérsias nesse sentido. De um lado, aquelas ‘diretorias’ que se autodenominavam seus ‘times’ como ‘de trabalhadores’, de ‘da comunidade’, ‘da vila’, ‘de família’, que se esforçam para arrecadar dinheiro com os próprios jogadores, em festas, jantares, rifas ou em no comércio em seus bares-sedes, nas ‘copas’, que se orgulhavam em afirmar que ninguém ganhava para jogar, que eram ‘conhecidos’, ‘grupos’ de amigos. De outro, aquelas ‘diretorias’ – como a ‘do Centenário, da vila Barão’ – que enfatizavam a ‘necessidade de investir’, porque “se não quer ‘colocar nada’ [incentivos], só faz time ruim. Só jogador ruim paga para jogar” (segundo o Pardal, membro da diretoria, DC, 27/02/2011), dinâmica essa também pontuada pelo Borges,

presidente da liga do parque Rondon e membro da diretoria do São Matheus, ao explicar que “há algum tempo não dava mais para fazer time ‘de chegada’ com jogadores da redondeza [do bairro]. Hoje tem que pegar um aqui, um ali, é assim que se faz” (DC, 27/11/2009).

Essa controvérsia indicava o sentimento de ambiguidade e até mesmo de cuidado ou de atenção que se desenvolvia em torno dos ‘diferenciados’ no circuito de lazer. Como a circulação destes estava vinculada aos ‘incentivos’, era muito temerária a constituição dos times na forma das ‘seleções’ (agrupamentos de ‘diferenciados’), do que derivava o reconhecimento da importância dos ‘grupos’. Um retrato desse cuidado eu vivenciei junto com o Miranda na montagem do ‘seu time’ de veteranos com mais de 40 anos do Guarani para o campeonato da liga da vila Paraná, no primeiro semestre de 2011. O ‘dono do time’ realizava amistosos com o intuito de chamar os ‘diferenciados’ para o ‘seu time’, ‘enchendo o peito’ para dizer que “não era de um time de amigos” (DC, 12/03/2011). Contudo, sem a possibilidade de ‘incentivar’, logo na primeira rodada do campeonato, o Miranda não teve 11 para ir até o local do jogo e, então, decidiu acabar com a equipe. Para esse jogo inicial, apareceram apenas aqueles que eram ‘do seu grupo’, os quais imediatamente buscaram outras equipes, com seus ‘conhecidos’, sendo que boa parte foi ‘com o Miranda’ para o vila Paraná, outro time da vila.

Além disso, não eram raras as situações nas quais os jogadores – inclusive aqueles que faziam parte dos ‘grupos’ – abandonavam os ‘times’ ao notarem os esforços das ‘diretorias’ no sentido de ‘reforçar’ as equipes em detrimento das ‘redes de conhecidos’. Esses comportamentos de abandono denotavam o lugar liminar dos ‘diferenciados’ no ‘circuito varzeano’: ainda que pertencessem aos ‘grupos’, às redes de ‘conhecidos’, eles estavam comprometidos com os resultados, o que não significava a ausência de diversão.

‘Os Times’ nas Tradições de um ‘Circuito de Lazer’

No início deste trabalho procurei enfatizar que abordaria o futebol num contexto de lazer. Fiz isso localizando um debate já existente nas discussões acadêmicas sobre o esporte, também com o intuito de demarcar que as produções culturais nesse universo não são meras reproduções, em menor escala, do circuito profissional, oficial ou midiático, mas que aí são constituídas singularidades, as quais possibilitam enunciar ‘outras práticas’ não menos importantes. E, para colaborar com esse debate, como também para trazer novos elementos no sentido de ampliar a compreensão, trouxe uma problematização em torno da própria noção de ‘time’, quando constituída numa perspectiva das práticas cotidianas de lazer, especificamente no âmbito de um ‘circuito de lazer urbano’ como o que configura o ‘municipal varzeano’ de Porto Alegre.

Essa formulação conceitual denominada de circuito como configurações e universos simbólicos, que constituem particularidades, também tem sido utilizada por Damo (2007), Damo (2011), Damo e Ferreira (2012), para estudar o amplo espectro do futebol e suas diferentes matrizes. O circuito, nesse propósito, é tomado como um conceito bastante flexível, invocado para enfatizar as construções num sentido de fluxo, de movimento e de dinamismo, e que possibilita observar e analisar os circuitos de futebol espetacularizado (das seleções nacionais e os dos clubes), os circuitos comunitários (de cidades, regiões ou bairros, inclusive o ‘varzeano’) e os circuitos estudantis (escolas e universidades).

Em que pesem as práticas de lazer nos universos urbanos, também a noção de circuito não é uma novidade, estando presente nas obras de Magnani e colaboradores (MAGNANI, 1999; MAGNANI, SOUZA, 2007; MAGNANI, TORRES, 2008). Ela marca a preocupação de evitar a tentação de compreender ‘a cidade’ como uma unidade explicativa capaz de definir as práticas urbanas a revelia dos atores sociais, especialmente as de sociabilidade de lazer. Desenvolvendo, coordenando e orientando pesquisas urbanas, em

diferentes contextos e escalas, em distintos grupos e situações etnográficas, Magnani (2014) sustenta a relevância do circuito enquanto categoria para compreensão de conjuntos (de pessoas, de práticas, de artefatos, de comportamentos, de sinais diacríticos, de valores) que são reconhecíveis na sua totalidade, mas que não são marcados, necessariamente, pela contiguidade espacial, mas fundamentalmente pela circulação capaz de conectar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano. Um dos exemplos citados pelo autor é o próprio circuito de futebol de várzea, que pode ser identificado como um conjunto no tecido urbano e que orienta a realização de práticas de lazer em pontos distantes, mas com características compartilhadas. O que faz viver esse circuito é exatamente a circulação, a constituição de determinados trajetos pelos quais pessoas, artefatos, ideias e histórias se movimentam.

Para além de dizer sobre a existência concreta e simbólica de ‘um circuito de futebol varzeano’ de Porto Alegre, sendo este reconhecível em sua totalidade como um universo distinto do espetacularizado ou do praiano, ao longo deste trabalho, procurei apresentar algumas pistas de como ele se materializa, tomando como base a análise de uma economia simbólica inscrita em distintas tradições que orientam a circulação e o pertencimento – ou o pertencimento à circulação – nos ‘times’. Tomando como base o estranhamento do funcionário público municipal sobre o fato de que não existia mais ‘clubes’ e sim ‘times de camisa’, passei a investigar as histórias cotidianas sobre quais ‘outras tradições’ os ‘times’ encarnavam. E, depois das descrições desenvolvidas anteriormente, me parece bastante plausível afirmar que aqueles que entram no ‘circuito da várzea’ de Porto Alegre para fazer parte de ‘um time’ o fazem localizados em ‘lugares-personagens’, especificamente como ‘conhecidos do futebol’, membro de ‘grupos-famílias’, parte de ‘diretorias’ ou como um ‘diferenciado’.

Na lógica que procurei descrever, ‘os times’ materializam (no sentido de que são constituídos e constituem) as tradições sociais das ‘redes de conhecidos’, dos ‘grupos-

famílias', das 'diretorias' e dos 'diferenciados'. Isso significa que quando alguém entra em campo por 'um time' ele mobiliza não apenas um conjunto de habilidades técnicas e táticas, mas fundamentalmente as suas trajetórias e pertencimentos com os 'conhecidos', nos 'grupos-famílias', nas 'diretorias' e, se houver consensos, entre os 'diferenciados'. Os 'times de camisa' materializam justamente a polifonia dessas mobilidades entre um jogo e outro, entre uma competição e outra, entre uma categoria e outra, justapondo diferentes mosaicos desses 'lugares-personagens varzeanos'.

O que cada uma dessas 'tradições varzeanas' de pertencimento/circulação nos/entre 'times' colabora para pensar a própria noção de lazer e suas nuances no que diz respeito às vivências urbanas no circuito de futebol. Se entre os 'conhecidos do futebol' as diversões futebolísticas eram mais frouxas do ponto de vista dos vínculos para se 'jogar junto', aqueles que faziam parte dos 'grupos-famílias' logo sentiam o peso da necessidade de 'não deixar os parceiros na mão'. Se os membros das 'diretorias' e os 'diferenciados', nas suas ações tratavam de misturar ou de vivenciar as dimensões de lazer e trabalho simultaneamente, isso não era experimentado de forma ambígua, nem tampouco deixava de ser divertido. Isso alimenta o entendimento do circuito de lazer futebolístico como um universo simbólico liminar, isto é, um lugar propício para intermediações, que frequentemente desfaz fronteiras e faz conviver questões antagônicas, não sem tensões e disputas.

REFERÊNCIAS

ALVES, U. S. **Imigrantes bolivianos em São Paulo: a praça *Kantuta* e o futebol**. 2011. 180 fls. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

BAULER, S. R. G. **O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre o significado do futebol numa periferia urbana**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CHIQUETTO, R. V. **A cidade do futebol**: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CUNHA, L. **Memórias e histórias do futebol em São José do Norte (RS)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Mestrado Em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Anpocs, 2007.

_____. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

_____. Produção e consumo de megaeventos esportivos - apontamentos em perspectiva antropológica. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, 8, v. 8, n. 21, p. 67-92, mar., 2011.

_____.; FERREIRA, B. S. No tempo das excursões - o circuito clubístico porto-alegrense e a reconfiguração de suas fronteiras em meados do século XX. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v.17, n.2, p. 378-411, 2012.

FARIA, E. L. **A aprendizagem na e da prática social**: um estudo etnográfico sobre práticas de aprendizagem no futebol em um bairro de Belo Horizonte. 2008. 229 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FIGUEIRÊDO, H. M. de. **O futebol, a igreja e a rua da telha**: educação para o lazer no Município de Vicência. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

FONTES SILVA, J. L. **Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

GHIGGI, M. V. **Liga de Veteranos do Rio Grande**: formas de lazer e singularidades futebolísticas. 2012. Dissertação (mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

GONÇALVES, A. M. A. **Futebol amador**: campo emergente de sociabilidade. 2002. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

GONÇALVES, G. R. **A crise da cidade em jogo**: o futebol na contramão em ruas da Penha. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

HIRATA, D. V. **Futebol de várzea**: práticas urbanas e disputa pelo espaço na cidade de São Paulo. 2005. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade São Paulo, São Paulo, 2005.

HOBSBAWN, E. A Produção em Massa das Tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (Org.). **A Invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 271-316.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: O Circo-Teatro e outras formas de Lazer e Cultura Popular. 1982. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Social, Universidade de São Paulo, 1982.

_____. **Mystica urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

_____. O circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 15, 2014.

_____.; SOUZA, B. M. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

_____.; TORRES, L. L. **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. 3. ed. São Paulo: EDUSP; Fapesp, 2008.

_____. A rede de lazer. In: MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2003.

MARCUS, G. Etnografia em/del sistema mundo: o surgimento de la etnografia multilocal. **Alteridades**, Distrito Federal, México, v. 11, n. 22, p. 111-127, jul./dez., 2001.

MYSKIW, M. **Nas controvérsias da várzea**: Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. 415 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

PEREIRA, T. R. C. **Interação, sentido e visibilidade no futebol de várzea em São Paulo**: sujeitos, comunidades, marcas e uma cidade em jogo. 2012, 236 f. Dissertação (mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

PIMENTA, R. D. **Desvendando o jogo**: o futebol amador e a pelada na cidade e no sertão. 2009. 225 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. 245 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez., 2009.

SILVEIRA, R. da. **Esporte, homossexualidade e amizade**: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SPAGGIARI, E. **Tem que ter categoria**: construção do saber futebolístico. 2009. 265 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

STÉDILE, M. E. A. **Da fábrica à várzea**: clubes de futebol operário em Porto Alegre. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

STIGGER, M. P. **Desporto, lazer e estilos de vida**: uma análise cultural a partir de práticas desportivas realizadas nos espaços públicos da cidade do Porto. 2000. 321 f. Tese (Doutorado) - Ciências do Desporto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2000.

_____. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.

TOKUYOCHI, J. H. **Futebol de rua**: uma rede de sociabilidade. 2006. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Endereço do Autor:

Mauro Myskiw
Escola de Educação Física
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico
Porto Alegre - RS - 90.690-200
Endereço Eletrônico: mmyskiw@hotmail.com